Entre a cruz e a guerra: Discursos religiosos para a defesa de uma guerra “justa” no periódico “A esperança” sobre a Guerra do Paraguai (1864-1870)

Autor: Joana D’arc do Nascimento Lira
Universidade Federal de Campina Grande
E-mail: joana.lira16@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar os usos e discursos religiosos sobre a Guerra do Paraguai no jornal A Esperança, circulado na Paraíba durante a segunda metade do século XIX, buscando compreender de que forma Deus e Guerra estão em associação. Para tanto, utilizamos como referencial teórico-metodológico Chartier (1990), dialogando com seu conceito de representação; com Luca (2010), pensando a relação metodológica entre História e imprensa; e com Orlandi (1998; 2003) para trabalharmos com a metodologia de análise do discurso. As análises feitas nos apresentaram um lugar de poder da imprensa enquanto instrumento de pedagogização das massas, construindo uma versão sobre a Guerra atravessada de interesses e manipulação.

Palavras-chave: Guerra do Paraguai; Imprensa; Paraíba; A Esperança.

Agradecimentos

Sem agradecimentos.

Introdução

A Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança perdurou de 1864 a 1870, sendo o conflito armado mais sangrento da América do Sul, tendo como protagonistas: Dom Pedro II, imperador brasileiro, e Francisco Solano López, general do Paraguai. A guerra se deu com a participação dos países Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai, a partir de interesses políticos e econômicos.

No final do século XIX e século XX diferentes interpretações acerca da Guerra do Paraguai foram sendo desenvolvido, como a historiografia tradicional, depois a revisionista e em seguida a neo- revisionista. Primeiro surgindo a análise personalista (tradicional) sobre o conflito, apresentando Francisco Solano López como sendo responsável e causador de toda a guerra, essa corrente por sua vez defendia a ação brasileira na guerra. Gomes (1966), em seu texto chama de “Guerra das quatro nações”, representando essa corrente mais tradicional; como também Pombo (1917), em sua obra “Nossa Pátria”.

Na década de 1960 temos a corrente historiográfica revisionista, que ocupa um espaço na historiografia sobre o tema, esta corrente sugeria fazer uma revisão sobre a guerra, desconstruindo a imagem de Solano López, assim ele não era, mais o responsável pelos ocorridos da guerra, passando a responsabilizar o Brasil pelo início da guerra sob a manipulação dos interesses do império britânico. O historiador Pomer (1984) em sua obra “Paraguai: Nossa guerra contra esse soldado” e Chiavenatto (1984) em sua obra “Genocídio Americano: A guerra do Paraguai” compactua com a mesma tese responsabilizando a Inglaterra pelo conflito.

Mas recentemente a historiografia neo- revisionista, temos Francisco Doratioto, com sua obra “Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai” (2002), vendo a guerra como fruto das contradições platinas e da consolidação dos Estados Nacionais na região, assim compreendendo a Guerra do Paraguai a partir da dinâmica política e social de cada um dos países envolvidos e as relações de interesse entre esses países.

A partir destes clássicos a respeito do tema, o número de trabalhos acadêmicos cresceu de modo a se tornar praticamente impossível mapear toda a produção sobre o tema, como trabalhos que falam sobre as representações iconográficas da guerra, sobre a guerra na literatura e nas correspondências, sobre negros, índios e mulheres na guerra, sobre as consequências socioeconômicas da guerra para os países envolvidos, sobre a participação de

estados brasileiros na guerra a partir do recrutamento militar, voluntário e forçado, sobre as doenças e cotidiano médico na guerra, representações cinematográficas sobre a guerra, abastecimento militar, sobretudo nos limites da História Econômica, sobre a Guerra do Paraguai no ensino de História e manuais didáticos, sobre as várias versões da guerra e sobre o contexto brasileiro pré-guerra, como análises sobre a política interna, externa e sobre a economia brasileira enquanto pontos de partida do conflito.

No entanto, apresentamos também alguns trabalhos que se inserem no campo em que temos interesse, o campo das representações sobre a Guerra do Paraguai na imprensa, nos limites da História. Neste sentido, citamos os trabalhos de Paiva (2012), que pesquisou sobre a imprensa brasileira nos campos de batalha da guerra; de Silveira (1996), que pesquisou sobre as representações de Solano López na imprensa ilustrada da Corte, analisando a caricatura como uma arma de guerra; de Reis (2002), em sua pesquisa sobre o periódico *O Jequitinhonha* e suas representações sobre a guerra; de Junior (2015), que estudou o imaginário e as identidades produzidas nas caricaturas da imprensa ilustrada brasileira e paraguaia durante a guerra; de Lavarda (2009), em sua pesquisa sobre a iconografia da Guerra do Paraguai no periódico *Semana Ilustrada*; e o de Segatto (2017), que pesquisou as representações e os usos políticos da guerra e da ocupação do Paraguai na imprensa de Buenos Aires. Desta forma, nosso trabalho se insere neste campo historiográfico das representações construídas na imprensa, analisando as representações da guerra na imprensa paraibana.

Enquanto recorte, escolhemos o jornal *A Esperança*, editado em Recife e que circulava na Paraíba, em função deste possuir discursos religiosos enquanto ideais de sua produção. Portanto, este artigo analisa os usos e discursos religiosos sobre a Guerra do Paraguai neste jornal, buscando compreender de que forma Deus e Guerra estão em associação.

Enquanto referencial teórico metodológico, nos apropriamos do conceito de “representação”, de Chartier (1990); da relação entre história e imprensa proposta por Luca (2010); e da metodologia em análise do discurso, proposta por Orlandi (2003).

Para Chartier (1990), compreendemos que a imprensa é um espaço de disputa atravessado por um vasto campo de representações, projetadas a partir dos interesses ideológicos dos produtores. Para o referido autor, compreende-se

a representação como dando a ver uma coisa ausente, distinguindo o que representa e o que é representado, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém. (...) A representação é um instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por

uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele (CHARTIER, 1990, p. 20).

De acordo com o autor, o conceito de representação resulta de uma construção coletiva, determinada “pelos interesses de grupo que as forjam” (Ibidem, p. 17). Chartier (1990) ainda chama atenção para o fato de que estas “lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio” (Ibidem, p. 17).

Para Luca (2005), a imprensa enquanto fonte se apresenta enquanto uma reconstrução do passado,

o pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. (...) Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2005, p. 140, grifo no original).

Para a referida autora,

os jornais não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita (LUCA, 2005, p. 140).

Desta forma, o jornal atua politicamente, pedagogizando as massas e construindo olhares e versões parciais sobre um dado evento/tema. No entanto, estas massas letradas era pequena, tendo em vista o alto grau de analfabetismo no Brasil oitocentista, como explica a autora:

O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizaram a imprensa brasileira de grande parte do século XIX, que, é bom lembrar, contava com contingente diminuto de leitores, tendo em vista as altíssimas taxas de analfabetismo. Os aspectos comerciais da atividade eram secundários diante da tarefa de interpor-se nos debates e dar publicidade às propostas, ou seja, divulgá-las e torná-las conhecidas (LUCA, 2005, p.133-134).

Essa “defesa apaixonada” que a autora coloca se manteve muito presente em nossas análises, tendo em vista o caráter religioso do jornal analisado.

Vimos também que neste jogo de construção de representações ideológicas sobre objetos/temas na imprensa, a análise do discurso se apresenta enquanto uma metodologia promissora. Para Orlandi (1998, p. 16), “a mídia é lugar de interpretação, ela rege a interpretação para mobilizá-la” e, nesta luta de representações, o trabalho da ideologia é

produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência (...) a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (ORLANDI 2003, p. 46).

Desse modo, de que forma esse jornal paraibano vai cobrir a Guerra do Paraguai? Que imagens esse jornal vai construir sobre a guerra e com base em quais interesses ideológicos?

Que o Deus justo dê a vitória ao bem

No segundo ano de guerra, em 7 de janeiro de 1865 o jornal começa a construir uma imagem sobre o Paraguai, na qual observamos:

O selvagem Paraguay commetteo uma grave offensa á dignidade e aos brios de nossa nação. Violando os tratados existentes, apoderou-se do vapor Marquez de Olinda, navio mercante, inteiramente desarmado, e no qual ia para Matto Grosso (A Esperança, 7/1/1865, grifo nosso).

Desta forma podemos perceber que o jornal constrói uma imagem de selvagem sobre o Paraguay, logo o ver como o responsável de todo o conflito causado pela guerra, construindo uma justificativa para a intervenção brasileira.

O jornal defende uma visão em que o Brasil se apresenta numa defensiva pacífica, conforme trecho: “Não almejamos a posse do selvagem e indômito Paraguay” (A Esperança, 18/2/1865). Na mesma publicação acrescenta, vejamos:

Depois de doze annos de paz, quando, graças ás nossas beneficis instituições, começavamos a abeberar-nos desse ar puro e vivificante, que denuncia a saude moral dos povos, eis que apesar de tantas e tão repetidas provas de nossa moderação e disposições pacificas, somos constrangidos a empunhar as armas, a marchar aos combates para defender a mais justa, a mais santa das causas, a da honra e dignidade nacional, tão duramente offendida pelo barbaro paraguay e pelo ingrato oriental (A Esperança, 18/2/1865).

O posicionamento do jornal, nos levar a perceber também o patriotismo presente, no qual os levam a defender a pátria de forma leal, com amor devoção, identificação e total apoio as forças armadas de forma honrosa: “marchar aos combates para defender a mais justa, a mais santa das causas, a da honra e dignidade nacional” (A Esperança, 20/4/1865).

Conforme jornal apresenta:

[...] muitos moços das principaes famílias desta província: abandonando o lar domestico pelo campo da batalha, trocando os commodos da vida privada pelos perigos e azares da guerra, esse batalhão patriótico recebia nesse momento os testemunhos da mais viva gratidão [...] (A Esperança, 20/4/1865).

Observando a obra de Doratioto (2002), vimos que esta versão não condiz com a realidade, para o autor, o Brasil foi tão ofensivo quando os outros, pois cada país envolvido tinha interesses a zelar. Conforme Doratioto acrescenta: “Na verdade, atos de despreendimento pessoal, de bravura, de covardia ou de crueldade ocorreram em ambos os lados da guerra” (DORATIOTO, 2002, p. 18).

Acerca do conflito entre os países Doratioto (2002) afirma:

A Guerra do Paraguai foi fruto das contradições platinas, tendo como razão última à consolidação dos Estados nacionais na região. Essas contradições se cristalizaram em torno da Guerra Civil Uruguaia, iniciada com o apoio do governo argentino aos sublevados, na qual o Brasil interveio e o Paraguai também. Contudo, isso não significa que o conflito fosse a única saída para o difícil quadro regional. A guerra era uma das opções possíveis, que acabou por se concretizar, uma vez que interessava a todos os Estados envolvidos. Seus governantes, tendo por base informações parciais ou falsas do contexto platino e do inimigo potencial, anteviram um conflito rápido, no qual seus objetivos seriam alcançados com o menor custo possível. Aqui não há “bandidos” ou “mocinhos” como quer o revisionismo infantil, mas sim interesses (DORATIOTO, 2002, p. 93, grifo nosso).

Assim segundo Doratioto (2002), o pensamento do jornal que estamos analisando, como de historiografias tradicionais construídas acerca da Guerra do Paraguai, pode ser considerada como errônea, ou mesmo falaciosa, pois os países ao se envolverem na guerra tinham seus interesses a ser conquistados. Portanto, o jornal faz uma construção diante a representação da guerra pelo emocionalismo, se envolvendo, vendo seu país como o herói e pacífico, sendo obrigados a lutar por sua pátria: “Sua vista seja poderoso talismã que vos afervore nas fragoas do combate, e na fidelidade que ânimos valorosos e christãos devem a Deus, a seu rei e á sua pátria” (A Esperança, 20/4/1865).

O jornal além mostrar a força do patriotismo na guerra, também nessa guerra Deus está presente, assim formando todo um discurso religioso, no qual no conflito está acirrado entre o bem e o mal. Assim fazendo uma construção mostrando sempre o Brasil lutando para se defender por sua pátria, sendo do lado do bem e guiado pelos preceitos de Deus, sendo, portanto, o Paraguai o ruim, o lado do mal. Vejamos essa representação religiosa em que o jornal nos apresenta: “[...] Povo eminentemente catholico, e por isto justo e brando, o povo

brazileiro repelle as conquistas, elle o amigo da independencia e regeneração dos povos” (A Esperança, 18/2/1865).

A religião, junto dos preceitos de Deus tornava o Brasil uma nação de conquistas e vitórias, diferentemente do Paraguai, no qual vem sendo apresentado como o terror da nação, o responsável por uma guerra tão sanguinária. Pois ser guiado pela vontade de Deus era algo que não poderia ser esquecido, porque sem a orientação dos deuses nada iria sair como queriam. Deus vem sendo apresentado como o protetor do bem, só através dele que as conquistas seriam plenas, vejamos: “[...] nada empreendiam sem a consulta e os bons auspícios dos Deuses, os seus penates andavam sempre por diante ou na paz ou na guerra, e eram d’elles inseparáveis” (A Esperança, 25/4/1865).

Segundo o discurso religioso construído pelo jornal, essa relação entre religião e guerra estava interligada, pois para a guerra obter um triunfo dependeria unicamente de Deus, logo, o modelo de bem e mal estava presente. Logo, para o jornal, o Deus deveria estar acima de tudo, até mesmo da pátria, e com essa união se tornaria mais forte o seu exército. Observem:

É de Deus, senhor e só de Deus que depende a sorte da guerra. Era elle que ensinava ao mais bellicoso rei de Israel o manejo das armas. [...] Deus de paz e de brandura, que sopesa em sua dextra omnipotente as obras da criação, mas que se apraz também de ser chamado o Senhor Deus dos exércitos (A Esperança, 20/4/1865).

Este jornal mostra como Deus e Guerra estão em associações, pois um depende do outro. Encontramos em uma grande parte da escrita deste jornal a citação de Deus e a sua importância para com a guerra, e proteção dos guerreiros. Sempre mostrando Deus protegendo o bem (Brasil e aliados) enquanto o Paraguai seria o mal, sendo assim, Deus estaria do lado do bem:

O deus dos Exercitos proteja esses novos cruzados, e em breve, heroes e vencedores de Humaitá e d’Assunção, regressem elles aos pátrios lares para, de seus concidadãos agradecidos, receberem as palmas do triumpho (A Esperança, 24/07/1865).

O jornal sempre construindo a imagem do Paraguai, como selvagem, o bárbaro, logo deixando explicito que não era neutro e tinham um lado a defender que seria o Brasil, assim em meio do seu noticiário, roga a Rainha dos céus e a Deus por proteção aos soldados em combate pela pátria, pois lutam de forma honrosa. Vejam:

Neste mez abençoado, que celebramos em honra da Rainha dos Céos, dirijamos-lhe uma supplica fervorosa pelo bravo exercito brasileiro, que nos campos da guerra pugna generosamente pelos nossos direitos offendidos, e esforça-se em vingar os brios nacionaes menosprezados. Enquanto os nossos bravos pelejam e defendem o sagrado territorio da pátria, reunamo-nos nos Templos do Senhor a sustenta-los com as nossas

orações, como outr'ora Moysés no alto da mantanha, quando o povo de Deus combatia contra os exércitos de Amalec (Exod., cap. 17, v. 11): e, colocando-os debaixo da proteção da Soberana dos Céos e da terra,, santifiquemos também as nossas almas, aproveitando-nos dos inapreciáveis thesouros da Igreja, abertos neste mez e do presente Jubillêo, que podeis lucrar ao mesmo tempo (A Esperança, 13/7/1865).

Considerações finais

Portanto, no decorrer da pesquisa neste jornal, pudemos observar e perceber a construção da imagem no qual o jornal monta. Mostrando o Paraguai como causador de toda a guerra, deixando a Tríplice Aliança, principalmente o Brasil, isenta da culpa. O jornal, portanto, também traz um discurso religioso, assim colocando Deus e a Guerra, em uma constante associação, pois segundo o jornal, o Deus e Guerra estão interligados, assim mostrando o bem e o mal, ou seja, o Brasil representando o lado do bem, assim combatendo o mal, que seria o Paraguai.

Fontes:

Jornal A Esperança (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>).

Referências Bibliográficas

- CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio Americano: A guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasilense, 1984.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. 2002.
- GOMES, Luiz Souza. *América Latina: Seus aspectos, sua história, seus problemas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1966 (1.ed. em 1961).
- JUNIOR, Arnaldo Lucas Pires. *A imprensa em guerra: O imaginário e as identidades produzidas nas caricaturas da imprensa ilustrada brasileira e paraguaia durante a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.
- LAVARDA, Marcus Túlio Borowiski. *A iconografia da Guerra do Paraguai e o periódico Semana Ilustrada, 1865-1870: Um discurso visual*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2009.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Análise de discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2003.
- PAIVA, Edgley Pereira de. *Guerra na imprensa ou imprensa de guerra? Entre editores, fotógrafos e correspondentes de guerra: A imprensa brasileira nos campos de batalha da*

- Guerra do Paraguai.' Dissertação de Mestrado em História. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*. São Paulo: Melhoramentos, 1917.
- POMER, Léon. *Paraguai: Nossa guerra contra esse soldado*. São Paulo: Global, 1984.
- REIS, Maria de Lourdes Costa Dias. *Imprensa em tempo de guerra: O Jequitinhonha e a Guerra do Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.
- SEGATTO, Bruno Felix. *Aquí está el Brasil sin careta: Representações e usos políticos da guerra e da ocupação do Paraguai na imprensa de Buenos Aires, 1870-1876*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.
- SILVEIRA, Mauro César. *Solano López na mira da imprensa ilustrada da Corte: A caricatura como arma na guerra contra o Paraguai*. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.